

cescontexto

Paisagens Socioculturais Contemporâneas

Carlos Fortuna (coord.)

Adelino Gonçalves

José Maçãs de Carvalho

Rogério Proença leite

Paulo Peixoto

Paula Abreu

Claudino Ferreira

Nº 12

Novembro 2015

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Property and Edition/Propriedade e Edição

Centre for Social Studies – Associate Laboratory

University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Editorial Board/Comissão Editorial

General Coordination/Coordenação Geral: Sílvia Portugal

Debates Collection Coordination/Coordenação Debates: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Paisagens Socioculturais Contemporâneas: Apresentação	4
<i>Carlos Fortuna</i>	
A paisagem da ruína urbana	5
<i>Adelino Gonçalves</i>	
Dimensões urbanas da salvaguarda.....	10
<i>José Maçãs de Carvalho</i>	
Paisagens com imagens do arquivo e da memória.....	24
<i>Rogério Proença Leite</i>	
Espaço e poder: os procesos de <i>Gentrification</i>	30
<i>Paulo Peixoto</i>	
A China urbana.....	37
<i>Paula Abreu</i>	
Cidades, cenas musicais e paisagens urbanas: itinerários bibliográficos.....	43
<i>Claudino Ferreira</i>	
O envolvimento cultural comunitário	48

Paisagens Socioculturais Contemporâneas



Apresentação

Incluem-se neste documento as sínteses das sessões que compõem a Escola de Verão do Centro de Estudos Sociais (CES) sobre PAISAGENS SOCIOCULTURAIS CONTEMPORÂNEAS. Esta Escola de Verão é organizada pelo Doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas, enquanto atividade de lançamento da sua 4ª edição (2015-16), e pelo Núcleo de Estudos sobre Cidades, Culturas e Arquitetura do CES.

Desenhada preferencialmente para estudantes de 1º, 2º e 3º ciclos, das áreas das ciências sociais e das humanidades, esta Escola de Verão procura também dialogar com as preocupações de estudiosos e profissionais da intervenção urbanística, patrimonial, artística, cultural. Assim, as paisagens socioculturais contemporâneas que se discutem nesta Escola de Verão assinalam algumas das expressões urbanas que pontuam a vida urbana de todos os dias. De dimensões mais estética e artística ou de tonalidade mais sociopolítica, as sete paisagens em discussão remetem para o esplendor e a crise do universo urbano quotidiano. Abordam, no seu conjunto, diversas perspetivas de análise como sejam (i) dimensões prevaletentes na teoria e nos modos de representação da cidade, ao mesmo tempo que assinalam (ii) tentativas de distinção que as cidades procuram consolidar e, por fim, (iii) fazem destacar a variedade de atores e de discursos sobre aquele universo urbano quotidiano.

Carlos Fortuna | Adelino Gonçalves | José Maçãs de Carvalho | Paulo Peixoto
Rogério Proença Leite | Paula Abreu | Claudino Ferreira

18 e 19 de junho 2015 | Sala 1 | CES – Coimbra

Organização: Doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas e Núcleo de Estudos sobre Cidades, Culturas e Arquitetura

A paisagem da ruína urbana

Carlos Fortuna

Resumo: Elogiada pelos românticos, a ruína marca a paisagem cultural da contemporaneidade. Desde as reflexões filosóficas, ao relato literário e jornalístico, à memória fotográfica e à cena urbano-militar de hoje, a ruína é uma presença que assinala e desafia a transitoriedade e a efemeridade da vida

É longa a preocupação filosófica com o “tempo” e os vestígios da sua passagem. Marcas e celebrações diversas assinalam esta preocupação. Mesmo quando se fala do **tempo instantâneo**, típico de uma cultura de consumo (John Urry), as paisagens urbanas contemporâneas revelam essa preocupação de vários modos. Um desses sinais são as construções de vias rápidas e boulevards cuja tradição remonta à ação de Haussmann na cidade de Paris de meados do século XIX que marcam a paisagem urbana moderna ou industrial. O que mais caracteriza esta mudança é a **transição de um regime de tempo longo e de espaço curto para um outro de tempo curto e de espaço longo**. Esta tendência marca a paisagem urbana de hoje, carregada de passagens subterrâneas ou aéreas, viadutos, vias rápidas, ascensores, túneis e rotundas com o intuito de facilitar os fluxos de pessoas e mercadorias.



O tempo curto necessário para percorrer longas distâncias é resultado dos progressos da tecnologia do transporte e representa o sentido invertido das anteriores distâncias da proximidade dos sujeitos a viverem em clássicas comunidades e vilas pequenas.

Na passagem do tempo longo para o tempo curto os sujeitos **perderam a ideia de eternidade**, uma dimensão particular do tempo vivido. O tempo ganhou uma dimensão elástica, de tal maneira que o presente se mostra ora como **presente excessivo** ora como **presente deficitário** (Andreas Huyssen).

Deste modo o tempo funciona como moldura, enquadramento, espetáculo da vida vivida. A **presença da ruína** é a marca da paisagem pós-industrial e assinala o fim de um regime de tempo e a transição para outro. Entretanto funciona como marca de memória ou atração patrimonial e turística. Como escreveu Jean Paul Sartre, uma ruína não é apenas um sinal de um passado de prestígio, pois que ela faz parte também da vida moderna da cidade. Por isso, a

ruína pode ser objeto de **contemplação** (sentimento de perda) ou sinal de **experiência** humana (função de desconstrução).

Num dos mais representativos textos filosóficos sobre a ruína, Georg Simmel (1911), entende que ela estabelece um reequilíbrio primordial entre o espírito (cultura) e a natureza (matéria). Nesse ajuste de contas, o desmoronar do edifício representa a **vingança vitoriosa da natureza** sobre a técnica (arquitetura) e faz deslocar em seu favor o sentido da beleza e o sentimento de paz.

A ideia simmeliana da ruína como marca da presença de uma vida que já deixou de ser contém um sentido de ambiguidade: a ruína é uma presença que assinala transitoriedade da vida, decadência e decomposição. É a ausência de um mundo feita de presença do simples vestígio.



O pensamento romântico alimentou, por muito tempo e sob diversas formas estéticas (poesia, pintura, romance, arquitetura) esta noção da ruína como separação e perda. Mas também defendeu um sentido particular do sublime – do feio e do ameaçador – e da sedução. A ruína funcionou também como imaginário de **antecipação** do futuro, como no caso das pinturas de Hubert Robert sobre o “*Louvre en ruines*”.

A ambiguidade da ruína está presente tanto em Denis Diderot (“Il faut ruiner un monument pour qu’il devienne interessant”), como em Walter Benjamin (“This storm is what we call progress”).

A reflexão de Walter Benjamin sobre o Angelus Novus de Paul Klee e o conhecido aforismo “Chaque époque rêve la suivante” de Jules Michelet, assinala o modo como o pensador alemão pretendeu associar os novos materiais e as novas técnicas à modernidade, usando-os como exemplos de supressão da imperfeição de anteriores modos de fazer. Trata-se, podemos dizer, de uma forma de **planear o declínio do passado** e de imaginar a sua superação.



Assim para Benjamin, a idealização do que há de vir resgata a memória de experiências traumáticas distantes e daí possibilidade de se sonhar com a época seguinte, que é ainda uma utopia uma **realidade ainda-não**, como Goethe se referia aos *ur-fenômenos* (os fenômenos antigos que se insinuam mas ainda não se concretizaram). Mobilizador para a ação de emancipação futura, parece ser a sua principal mensagem para esta avaliação do passado. **Não podemos construir o que não pensamos.**

A ruína industrial não é na sua essência apenas o objeto da contemplação que acabamos de ver. Mais que motivo de contemplação ela constitui também uma experiência... um modo de sentir a cidade e as suas múltiplas temporalidades.

A compreensão do estatuto desta ruína remete para uma noção lefebvriana de **espaço abstrato**, como espaço fragmentado e passível de ser apropriado lucrativamente (Lefebvre, A Produção do Espaço)

O que está em causa é sublinhar que "espaços tornados vazios", decadentes ou abandonados da cidade (por ex. terrenos não urbanizados, equipamentos sociais desativados, projetos residenciais inacabados, etc.) constituem uma espécie de *terra nullius*, uma terra de

ninguém que, por isso mesmo, estimula o ímpeto lucrativo do capital que não tolera o vazio e o converte em "espaço a preencher". Além da sua lucratividade, atribui-se-lhes, assim também, uma **funcionalidade** que os retira da imagem negativa de espaços inúteis e de manifesta ausência de vitalidade urbana.

As ruínas contemporâneas equivalem a um certo tipo de gótico que provoca um sentimento de **nostalgia "pós-industrial"**. Para a sensibilidade gótica, as ruínas exibem a sedução da decadência e da morte, enquanto as ruínas contemporâneas desafiam **o mito persistente do progresso sem fim**. Por isso elas não se encontram subordinadas a critérios estéticos e de contemplação como a atmosfera em torno da ruína romântica. Para os amantes da sensibilidade gótica pós-moderna, as ruínas contemporâneas exalam antes uma estética nostálgica típica de ambientes urbano-industriais crepusculares, como os espaços abandonados e disfuncionais, as fábricas desativadas e os armazéns devolutos.



Esta representação de decadência não é comparável ao poético impulso contemplativo originado pelo deambular por entre ruínas clássicas. Sobressaem agora sinais de vulnerabilidade e finitude de valores e construções, à medida que as "novas" ruínas tornam clara a falência de estruturas do mundo moderno e interpelam a noção de progresso prometida pela modernidade.

No meio destas intervenções e experiências vale a pena mencionar o facto de a **ruína urbano-industrial** ser valorizada pela sua fantasmagoria e pelo modo como representa a paisagem supérflua dos "espaços marginais" que, em regra, escapam à lógica do ordenamento territorial da cidade. Constituem um território perdedor que causa **repulsa** e não atração estética ou contemplativa.

Mesmo não cedendo à mesma avaliação estética desta ruína clássica, há alguns aspetos que importa reter na avaliação da ruína urbano-industrial.

Um primeiro aspeto é o facto de a ruína moderna manter um traço de ambígua "união" do presente com o passado. Continua a ser esse "lugar de vida onde esta já desapareceu" como diz Simmel. Poderá regressar ali? Esta é uma questão que não tem resposta imediata.



Um segundo aspeto diz respeito à ideia de a ruína urbano-industrial continuar a ser um poderoso argumento sobre o reconhecimento da mortalidade e a finitude da vida e dos objetos. Perante esta consciência da finitude das coisas, instala-se a noção que nada perdura exceto o mundo como um todo e, em nosso redor, **tudo dá sinais de existência efémera e transitoriedade**.

Não significa isso que a ruína moderna seja desprovida da **capacidade de gerar impressões** e sensações diversas entre quem as presencia. As influências do passado, mesmo as do passado recente, continuam a manifestar-se se bem que num ambiente estético particular e com renovados efeitos ideológicos.

Por exemplo, o cenário de uma ruína moderna, digamos uma fábrica abandonada, com portas e passagens destruídas, paredes e janelas despedaçadas,



sinais de maquinarias e instrumentos obsoletos, vestígios de objetos indiferenciados, **mas também teatros arruinados** no meio das cidades, verdadeiros fantasmas da cultura, enfim, marcas da presença humana organizada que ali teve lugar, constitui um desafio importante à normatividade estética dominante.

É esta rutura com os critérios convencionais de beleza que a ruína industrial representa. Conduz à desorganização da apreciação estética. Da ruína moderna da fábrica emerge uma pluralidade de significados, cuja decifração se torna mais complexa devido à arbitrariedade dos vestígios daquilo que fora antes. A ruína industrial como heterotopia e multiplicidade de significados e sinal de fronteiras difusas. Desde a fragilidade das estruturas físicas que a conservam de pé, até aos objetos surpreendentes que ali permanecem fora do lugar, tudo isso, ajuda à desorganização dos critérios estéticos convencionais.

A função de desconstrução mencionada atrás implica o reconhecimento do colapso das fronteiras entre significados das modernas ruínas. Muitas vezes as atuais ruínas põem na sombra aquilo que brilha e põem às claras o que deve ser reprimido.

A **Síria de 2015** é uma dessas ruínas que fazem suspeitar da qualidade do nosso futuro.



A moderna urbanização da guerra é um facto determinante para, como fez o Angelus Novus, suspeitarmos do destino a que nos dirigimos neste trânsito imparável para o futuro.

Nesta ausência de normatividade estética inscreve-se uma ideia de indeterminação avaliativa quer do significado do tempo quer do espaço da ruína. Uma série de conjeturas são então possíveis, tanto as que dizem respeito às coreografias da atividade que a ruína terá em tempos acomodado, como quanto às hierarquias e regulações socioespaciais de outrora.

O sentido distópico da ruína moderna autoriza então enunciar a natureza contingente de um trajeto de mediação entre o passado, o presente e o futuro. Em conclusão, é no sentido em que a ruína moderna critica os sistemas de regulação do espaço e do tempo modernos que ela revela o seu potencial criativo e regenerador.

Referências e Leituras Sugeridas

Diderot, Denis (1995), *Ruines et Paysages*. Paris: Hermann.

Dillon, Brian (2014), *Ruin Lust*. London: Tate Publishing.

Edenson, Tim (2005), *Industrial Ruins*. Oxford/New York: Berg.

Fortuna, Carlos (1995), “Por entre as Ruínas da cidade: O património e a memória na construção das identidades sociais”, *Oficina do Ces*, nº 61.

Fortuna, Carlos; Meneguello, Cristina (2013), “Escombros da cultura”, in Fortuna C. e Rogerio P. Leite (orgs.), *Diálogos Urbanos*. Coimbra: Almedina, 233-258.

- Ginsberg, Robert (2004), *The Aesthetics of Ruins*. New York: Rodopi.
- Hell, Julia; Schönle, Andreas (eds.) (2010), *Ruins of Modernity*. Durham/London: Duke University Press.
- Huysen, Andreas (2003), *Present Pasts*. Stanford: Stanford University Press.
- Lacroix, Sophie (2007), *Ce que nous disent les ruines*. Paris: L'Harmattan.
- Roth, Michael S.; Lyons, Claire; Merewether, Charles (eds.) (1997), *Irresistible Decay: Ruins Reclaimed*. Los Angeles: Getty Research Institute.
- Simmel, George (2015), *A ruína*. Edição de Carlos Fortuna [Tradução de António Sousa Ribeiro e Imagens de José Maças de Carvalho]. Coimbra: Imprensa da Universidade (no prelo).
- Trigg, Dylan (2007), *The Aesthetics of Decay*. New York: Peter Lang.
- Urry, John (2000), *Sociology beyond Societies*. London: Routledge.
- Volney, Conde de (1960), *As ruínas de Palmira*. Lisboa: Livraria Renascença.
- Woodward, Christopher (2002), *In Ruins*. London: Vintage.
- Yablon, Nicholas (2009), *Untimely Ruins: An Archaeology of Urban Modernity, 1819-1919*. Chicago: University of Chicago Press.